



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/05/2021 a 27/05/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
21/05/2021	15,26	398,90	65,49	6,74	6,59
24/05/2021	15,22	400,20	65,13	6,62	6,57
25/05/2021	15,11	386,30	66,69	6,56	6,20
26/05/2021	15,03	385,80	65,68	6,48	6,24
27/05/2021	15,37	390,30	66,81	6,76	6,64
Média	15,20	392,30	65,96	6,63	6,45

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	161,00	
RS – Não Me Toque	160,00	
RS – Londrina	156,00	
PR – Cascavel	157,00	
MT – C.N.Parecis	160,00	
MS – Maracaju	157,00	
GO - Rio Verde	162,00	
BA – L.E.Magalhães	158,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	85,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	88,00	
SC – Rio do Sul	90,00	
PR – Cascavel	84,00	
PR – Londrina	83,00	
MT – C.N.Parecis	82,00	
MS – Maracaju	90,00	
SP – Itapetininga	96,00	
SP – Campinas	100,00	CIF
GO – Rio Verde	80,00	
GO – Jataí	80,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	84,00	
RS – Não Me Toque	84,00	
PR – Londrina	82,00	
PR – Cascavel	82,00	

Período: 26/05/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 27/05/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	88,35	162,85	83,81

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
27/05/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	83,66
Feijão (saco 60 Kg)	277,19
Sorgo (saco 60 Kg)	65,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,06
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,91**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,28

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Abril/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, seguiram a tendência da semana anterior e continuaram recuando durante quase toda a corrente semana. O bushel chegou a bater em US\$ 15,03 no fechamento do dia 26/05. Em 10 dias úteis, entre os dias 12 e 26 de maio, o bushel de soja perdeu US\$ 1,57. A partir daí, um forte ajuste diário na quinta-feira (27) trouxe o fechamento para US\$ 15,37/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 15,33 uma semana antes. Houve recuo acentuado, igualmente, junto ao farelo de soja, até o dia 26/05, com a tonelada curta atingindo a US\$ 383,80 neste dia, perdendo, em 10 dias, US\$ 67,10 e atingindo seu mais baixo preço desde o dia 14 de dezembro do ano passado. No dia 27 a mesma se recuperou um pouco e fechou em US\$ 390,30. Já o óleo de soja também recuou, porém, em menor intensidade, oscilando bastante e se mantendo nos patamares que estão sendo vistos há mais de mês. Seu fechamento no dia 27/05 ficou em 66,81 centavos de dólar por libra-peso em Chicago.

Este movimento, que pode estar caracterizando uma mudança na tendência de preços que vinha ocorrendo em Chicago, tem como motivação o bom comportamento do clima nos EUA, com avanço significativo do plantio da soja na atual safra; e das reações da China aos preços altos, modificando suas fórmulas de rações para usar menos farelo de soja e milho, mas também deixando de comprar soja estadunidense nas últimas semanas. Além disso, os Fundos se desfizeram de muitas posições compradas diante do atual cenário fundamentalista.

Com o clima favorável, o plantio da soja, até o dia 23/05, atingia a 75% da área esperada nos EUA, contra a média histórica de 54% para esta época. Cerca de 41% das lavouras já emergiram, contra 25% na média histórica para esta época. Dito isso, é bom lembrar que as tensões climáticas irão até setembro naquele país. Portanto, pode haver reversão neste quadro positivo, especialmente se houver escassez de chuvas a partir de final de junho.

Por outro lado, na semana encerrada anteriormente, os EUA exportaram apenas 84.200 toneladas de soja referentes a safra 2020/21 e 96.000 toneladas referentes a safra nova, com a China não estando presente às compras desta nova safra, consolidando a quarta semana de ausência no mercado estadunidense. Isto se deve a margens industriais muito ruins para a soja dos EUA, enquanto o produto brasileiro se mostra mais competitivo para agosto e setembro. Quanto aos derivados de soja, as exportações de farelo, na semana em questão, somaram 189.400 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado, enquanto para a safra nova o volume foi de 77.600 toneladas, superando o esperado pelo mercado. Quanto ao óleo de soja, para 2020/21, as vendas semanais acabaram sendo negativas, com o cancelamento de embarques ao redor de 4.500 toneladas. E não houve registros de vendas de óleo relativo à safra nova.

Chama muito atenção, para os menos atentos, a ausência da China no mercado, embora o país oriental tenha vindo comprar soja brasileira nesta semana, contratando entre 15 a 18 navios. Com isso, os prêmios médios nos portos brasileiros melhoraram um pouco, pois saíram dos menores níveis desde 2018, para algo em torno de menos 16 centavos de dólar por bushel. Como se nota, ainda assim negativos. Por enquanto,

nossa soja continua mais barata do que a estadunidense, favorecendo nossas exportações aos chineses. (cf. Agrinvest Commodities)

Em abril, o Brasil vendeu para a China 5,08 milhões de toneladas de soja, contra apenas 315.000 toneladas em março. Mas o total de abril deste ano foi menor se comparado com abril do ano passado.

Enquanto isso, segundo a Reuters Internacional, as processadoras chinesas aumentaram suas compras, antecipando uma demanda maior por alimentação animal nos próximos meses diante de uma recuperação da suinocultura. Mas em pleno pico da retomada, novos surtos de Peste Suína Africana foram identificados, além de outras zoonoses, e dificultaram o movimento. Na outra ponta, os preços dos suínos e da carne suína vinham amargando baixas agressivas, comprometendo ainda mais o quadro. Assim, as margens de esmagamento na China passam por momentos bem difíceis diante dos elevados preços da soja, contendo a demanda, mesmo que pontualmente. Mesmo assim, as importações de soja pelo país oriental, em abril, somando todas as origens, atingiram a 7,45 milhões de toneladas, 11% a mais do que há um ano. E como já comentamos diversas vezes neste espaço, o Ministério de Agricultura e Assuntos Rurais da China determinou que especialistas em nutrição animal trabalhassem em fórmulas com a menor utilização de farelo de soja, o que já vem se confirmando em algumas empresas.

Neste último caso, segundo o portal internacional Global Times, a New Hope Liuhe, a maior indústria chinesa de ração, já está usando somente 10% de farelo em seus produtos desde o final de abril, comparado aos 13,2% de 2019 e 12,5% de 2020. Eles estão usando outros tipos de farelos e de proteínas, em substituição ao da soja. Como havíamos prevenido tempos atrás, os altos preços da soja são bons para quem produz, porém, em algum momento provocam reações dos consumidores, levando a um ajuste dos mesmos. No caso da soja, parece estar se iniciando este processo. Hoje, a China busca diminuir seu consumo de farelo de soja e, por consequência, a importação do grão. Mas, obviamente, este é um movimento de longo prazo, com efeitos mais agudos a ocorrerem nos próximos anos se a estratégia chinesa continuar. Para este ano, a China ainda deverá importar cerca de 100 milhões de toneladas de soja.

Por outro lado, a área a ser semeada com soja na China deverá diminuir em 5,4% em 2021/22, ficando ao redor de 9,3 milhões de hectares. O plano chinês é aumentar a área com milho, a qual deverá crescer 3% nesse novo ano. De fato, as importações do cereal, por parte da China, vêm crescendo nestes últimos tempos, tendo em maio já atingido a 11 milhões de toneladas procedentes dos EUA. Neste contexto todo, o governo chinês passou a interferir sobre o andamento dos preços locais.

E no Brasil, os preços voltaram a recuar, puxados também pela estabilização do dólar em torno de R\$ 5,30. Assim, além do dólar mais baixo, em relação ao mês passado, Chicago recuou bastante e os prêmios nos portos permanecem negativos em sua maioria.

Diante disso, a média gaúcha no balcão recuou para R\$ 162,85/saco, perdendo cerca de quatro reais por saco na semana. Nas demais praças nacionais o produto igualmente recuou, com os preços médios oscilando entre R\$ 156,00 a R\$ 162,00/saco.

O recuo se deu igualmente, além dos movimentos externos já comentados, à menor procura interna pela soja, pois houve recuo na demanda de farelo de soja no Brasil, diante do fato de que boa parte dos compradores estar abastecida.

Soma-se a isso o fato de que a estimativa para a safra 2020/21 não para de crescer. Agora a mesma seria de 137,2 milhões de toneladas, aumentando 7,9% em relação ao ano anterior. A área semeada teria aumentado em 4%, ao atingir 38,93 milhões de hectares no país, confirmando então aumento da produtividade média nacional. (cf. Safras & Mercado)

Por sua vez, as exportações de soja, por parte do Brasil, começam a ser revistas para baixo neste mês de maio. A estimativa mais recente da Anec dá conta de um volume de 14,9 milhões de toneladas, contra um total inicial previsto de 16,2 milhões. Até o momento, a máxima histórica de vendas externas foi atingida em abril, com 15,7 milhões de toneladas, segundo a Associação. Lembrando que em maio do ano passado o Brasil exportou 13,8 milhões de toneladas de soja. Quanto ao farelo de soja, a expectativa é de que o país, em maio, atinja um total de 1,9 milhão de toneladas exportadas (100 mil a mais do que o projetado anteriormente), e mais 21.991 toneladas de milho, até então ausente das projeções da Anec.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago também recuaram nesta semana, seguindo a tendência geral. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, bateu no dia 26/05 em US\$ 6,24, consolidando, em 10 dias, do 11 ao 25 de maio, uma perda de US\$ 1,39. Todavia, na quinta-feira (27) houve correção altista, com o bushel fechando o dia em US\$ 6,64 e ficando no mesmo valor de uma semana antes.

Dentre os fatores de baixa está a chuva nas regiões produtoras dos EUA, as quais favorecem o desenvolvimento do grão já semeado. Neste sentido, até o dia 23/05 cerca de 90% da área esperada estava plantada, contra a média histórica de 80% para o período. Cerca de 64% das lavouras semeadas já haviam germinado.

Enquanto isso na Argentina a colheita da safra 2020/21 chegava a 40% da área total até o dia 20/05, estando seis pontos percentuais atrasada em relação ao mesmo período do ano anterior. O rendimento médio no país tem sido de 123,3 sacos/hectare, prevendo-se, agora, uma produção de 58 milhões de toneladas. Na safra anterior, o país vizinho iniciou o ano comercial com estoques em 4,75 milhões de toneladas e colheu 58,5 milhões. Diante de um consumo industrial de 3,82 milhões de toneladas, somado a 17,25 milhões destinadas ao consumo animal e outras 36,3 milhões de toneladas exportadas, sobrou como estoque de passagem para o ano 2021/22 um total de 5,88 milhões. Assim, para o atual ano comercial, iniciado em 1º de março passado, diante da produção projetada e de consumo industrial, consumo animal e exportações pouco diferentes do ano anterior, projeta-se estoques finais em 6,03 milhões de toneladas.

Já no Brasil, os preços igualmente recuaram. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 88,35/saco, o que significa um recuo de R\$ 3,39/saco em relação a

semana anterior. Nas demais praças nacionais o preço médio do cereal oscilou entre R\$ 80,00 e R\$ 96,00/saco, com o CIF Campinas (SP) caindo para R\$ 100,00/saco. Por sua vez, na B3 o contrato julho/21 abriu a quinta-feira (27) em R\$ 92,72/saco, enquanto setembro ficava em R\$ 92,57, novembro a R\$ 93,59 e janeiro/22 a R\$ 94,50/saco.

Houve recuo de preço no Paraná e Mato Grosso do Sul igualmente, diante da melhoria do clima, com o retorno das chuvas em regiões da safrinha. Já em São Paulo os preços permaneceram mais firmes. A liquidez continua baixa, com os produtores vendendo pouco o produto. Diante disso, muitos consumidores preferem consumir os estoques existentes, apostando que as chuvas melhorem as condições das lavouras. Com isso, o volume produzido poderá aumentar e os preços recuarem um pouco mais.

Além disso a valorização do Real permite importações mais baratas nestes últimos tempos. Soma-se a isso a proximidade da colheita da safrinha em algumas regiões, apesar de a mesma estar atrasada, sendo que seu forte acontecerá em julho. Já a colheita da safra de verão, no país, chegava a 97% do total no dia 21/05, faltando particularmente Minas Gerais para concluir a atividade.

No que diz respeito às importações, em Paranaguá (PR) o navio Aurora SB atracou neste semana para descarregar 35.279 toneladas procedentes da Argentina. O produto será destinado especialmente para a indústria nacional de amido. Ao total serão quatro navios programados para descarregar milho em Paranaguá. Diante da quebra consolidada da safrinha, mesmo com o retorno das chuvas, mais importações deverão ocorrer até o final do ano, além de nossas exportações ficarem menores. Muitas agroindústrias nacionais estão importando milho aproveitando-se de benefícios fiscais. Os principais problemas de abastecimento de milho estão em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, estados onde houve forte frustração na safra de verão do cereal.

Por outro lado, no Mato Grosso a perda na produtividade da safrinha será superior a 20% segundo a Associação dos Produtores de Soja e Milho daquele Estado. Com 45% da safrinha plantada fora da janela ideal, mais a falta de chuvas por mais de 45 dias, a estimativa de perdas pode piorar, mesmo com o retorno das chuvas. Para a Associação, a realidade nas lavouras é bem pior do que está sendo indicado nas estimativas de produção pelas consultorias privadas. Atualmente, 80% das lavouras mato-grossenses estão em fase de florescimento e enchimento de grão.

Enquanto isso, no Paraná, 51% da safrinha está em floração, 29% em frutificação e 6% em maturação. Já o índice de qualidade das lavouras voltou a piorar, sendo que somente 22% das mesmas se encontram em boas condições, contra 47% em condições médias e 31% ruins. (cf. Deral)

Paralelamente, no Mato Grosso do Sul a produtividade média continua sendo mantida em 75 sacos/hectare, fato que, se confirmado, levaria a produção final para 9 milhões de toneladas. No entanto, o clima seco pode ter prejudicado muito certas regiões, e este volume deve se alterar. O retorno das chuvas nesta semana estanca os prejuízos, por enquanto, mas não reverte o que já está perdido. Assim, neste momento apenas 5% das lavouras sul-matogrossenses estão em boas condições, contra 78% em situação regular e 17% ruins. Os preços locais igualmente recuaram, com a média passando de R\$ 93,63/saco no início de maio, para R\$ 88,63/saco em 24/05. Todavia,

em relação a média de maio de 2020, o preço médio atual é 137,3% superior. (cf. Famasul)

Enfim, em Goiás, após 50 dias sem chuvas, as perdas da safrinha local estão contabilizadas em torno de 35% em relação a produtividade média esperada, que era de 120 sacos/hectare. Com isso, a projeção atual de produtividade desta safrinha caiu para 78 sacos/hectare, especialmente na região de Jataí. (cf. Ifag)

Em termos de exportações, segundo a Secex, nos primeiros 15 dias úteis de maio o Brasil exportou apenas 12.598 toneladas de milho. A média diária de embarques está 32,6% menor do que a média de maio de 2020. O preço da tonelada exportada ficou em US\$ 264,10, sendo quase US\$ 5,00 mais baixo do que em igual período do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram nesta semana, atingindo a US\$ 6,48/bushel no dia 26/05. Posteriormente, com o ajuste altista no dia 27/05 (quinta-feira) o valor, para o primeiro mês cotado, chegou a US\$ 6,76/bushel, contra US\$ 6,75 uma semana atrás.

As lavouras de trigo de inverno nos EUA viram suas condições piorarem um pouco, sendo que até o dia 23/05 havia 47% das mesmas entre boas a excelentes, outras 35% regulares e 18% entre ruins a muito ruins. Já o plantio do trigo de primavera, na mesma data, atingia a 94% da área esperada, contra 85% na média histórica. Do total semeado, 66% já havia germinado, contra 56% na média histórica para esta data.

Por outro lado, as exportações de trigo, na safra 2020/21 dos EUA, registraram 121.000 toneladas na semana encerrada em 13/05, sendo 21% acima da média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2021/22 o volume vendido atingiu a 317.700 toneladas. Assim, somando os dois anos, o volume total exportado ficou em 438.700 toneladas, com o volume ficando dentro do esperado pelo mercado.

No mercado mundial circulou rumores de que teria havido vários carregamentos de trigo da safra nova da União Europeia em direção ao Vietnã. Na Argentina, carregamentos de junho a julho foram oferecidos ao preço de US\$ 275,00/tonelada, para agosto a US\$ 278,00 e para dezembro a US\$ 258,00. Enfim, as inspeções de exportação estadunidenses de trigo registraram, na semana até 20/05, um total de 24,9 milhões de toneladas desde o início do atual ano comercial 2020/21, com aumento de 2% sobre o ano anterior.

Ainda na Argentina, até a última semana, a nova semeadura do trigo atingia a 226.000 hectares, representando 3,5% da área total esperada.

E no Brasil, os preços do cereal estagnaram e mesmo recuaram um pouco nesta semana. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 83,81/saco, enquanto no Paraná os preços médios caíram para R\$ 82/saco.

As chuvas e temperaturas mais baixas nestes últimos dias, com o advento de geadas no Rio Grande do Sul, beneficiaram as lavouras de trigo. Esperava-se uma aceleração do plantio no sul do país nesta semana, já que o mesmo está atrasado. Esta melhoria climática levou a uma redução nos preços do trigo local. Além disso, a manutenção de um Real mais valorizado ajuda na importação.

No Rio Grande do Sul, segundo projeção da Fecoagro, a nova área de trigo deverá aumentar em 10,5% neste ano. Alguns analistas chegam a avançar um crescimento de 15% nesta área, puxada pelos bons preços e pela capitalização dos produtores com a safra de verão passada. Espera-se que a produção final gaúcha alcance a 2,6 milhões de toneladas neste ano, o que seria 22,1% superior ao colhido no ano passado. Já no Paraná, o oeste daquele Estado registrou, nesta semana, 72% da área semeada, auxiliada pelo retorno das chuvas. A partir de agora o receio é a chegada de geadas que possam atingir as lavouras plantadas mais no cedo. Em termos gerais, o plantio do trigo no Paraná ultrapassava os 50% da área esperada no final desta semana. (cf. Deral)

Enfim, uma boa notícia para o setor do trigo vem do mercado interno brasileiro. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Biscoitos, Massas Alimentícias e Pães & Bolos Industrializados (Abimapi), em 2020 houve alta de 8,1 pontos percentuais, no consumo de pães industrializados, com 89,4% das famílias brasileiras adquirindo o produto. O levantamento apontou ainda que 99,7% das famílias brasileiras consumiram biscoitos e 99,6% consumiram massas alimentícias industrializadas, como macarrão e lasanha. O resultado representa crescimento de 0,1 ponto percentual e 0,3 ponto percentual na comparação com 2019, respectivamente. Segundo a pesquisa bancada pela Associação, um dos principais fatores, que estimulou a maior penetração destes alimentos nas residências do País, foi o auxílio emergencial, pago pelo governo federal para ajudar as famílias que perderam renda com a pandemia de covid-19. De acordo com a pesquisa, dois reais a cada três do benefício foram destinados para a compra de alimentos. “Ao todo, 66% de quem recebe auxílio emergencial direciona esse dinheiro para alimentos e bebidas”.

Outro motivo relacionado à pandemia, que contribuiu para estimular o consumo de derivados de trigo nos lares, é o isolamento social, que levou as famílias a fazerem mais refeições em casa. Neste sentido, a categoria “pães” foi a que mais cresceu nos primeiros meses da pandemia, atingindo a 30% a mais de volume comercializado e 35% de crescimento no valor negociado. Dentre os pães industrializados, observou-se maior demanda por aqueles que tem algum tipo de apelo voltado à saúde, como fibras ou redução calórica, como os de centeio e integrais ou os pães derivados de sementes com alguma adição ou farinha integral. Em relação às massas, em 2020, pela primeira vez a quantidade média por brasileiro ultrapassou o patamar de 5 quilos consumidos por ano, atingindo exatos 5,063 quilos por pessoa. Para 2021, os fabricantes esperam que a tendência altista de consumo continue. A expectativa é que o faturamento das indústrias do setor, que foi de R\$ 40,5 bilhões em 2020, cresça de 3% a 5% no corrente ano. Já no volume vendido, que foi de 3,5 milhões de toneladas de produtos, espera-se um crescimento de 2% neste ano.